

GÊNEROS TEXTUAIS E IDENTIFICAÇÃO DE TIPOS DE CARTAS NO ARQUIVO DE CAMARGO GUARNIERI

Giovana Faviano

Estudos dedicados aos tipos documentais em arquivos pessoais têm ganhado relevância e feito, cada vez mais, parte da agenda do dia. Trata-se do resultado de progressiva valorização que os arquivos pessoais adquiriram no meio acadêmico – tanto para os pesquisadores, que passaram a ver os documentos não oficiais também como fontes legítimas de estudos, quanto para os arquivistas. As instituições de guarda de arquivos pessoais têm crescido, ampliado seus acervos, ao mesmo tempo em que novas têm surgido. Como consequência, tem-se pensado e teorizado mais sobre os trabalhos desenvolvidos em arquivos pessoais no Brasil nos últimos anos.

As cartas ocupam lugar de destaque. Para o público em geral, adquirem uma áurea misteriosa, tanto pelo seu aspecto íntimo intrínseco, quanto por uma nostalgia que lhes imprime uma idealização: escrever e receber cartas adquiriu uma espécie de refinamento, de costume que ficou lá no passado em detrimento de novos meios de comunicação, como o correio eletrônico, os aplicativos de celular e as mídias sociais. Por isso o fenômeno editorial de compilações de cartas, cuja seleção se dá tanto pela autoria quanto pela temática. Por outro lado, os historiadores também têm olhado para a correspondência pessoal como fonte de pesquisa. Esse fenômeno, que não é tão novo assim, vem trazendo consigo a demanda pela formação de acervos que disponibilizem documentação de proveniência não institucional, mas do cotidiano e do seio íntimo. Também os estudos de crítica genética voltaram sua atenção para os arquivos pessoais e contribuíram para o enaltecimento de acervos literários.

No entanto, a falta de rigor metodológico nas instituições de acervos criou categorias abrangentes baseadas na concepção de arquivos pessoais enquanto coleções, que desconsideram e até apagam princípios básicos da arquivologia, como a identificação e definição da funcionalidade, ou seja, o contexto de produção dos documentos. Decorrencia disso é a criação de mecanismos classificatórios que agrupam sob a mesma denominação uma diversidade de espécies e tipos documentais, como ocorre com a *correspondência*.

Quando aplicado o critério de coleção aos arquivos pessoais, os documentos deixam de ser compreendidos a partir de sua produção para serem determinados como entidades autônomas. No caso da *correspondência*, toma-se a definição de “comunicação escrita, expedida (ativa) ou recebida (passiva), por entidades coletivas, pessoas ou famílias” (Arquivo Nacional, 2005: 60) como critério de agrupamento de documentos diversos que se encaixam na categoria, atribuindo-lhes autonomia e desligamento do resto do fundo. Em outras palavras, esses documentos desvinculam-se dos demais produzidos no exercício de uma mesma atividade.

Dentro desse movimento, insere-se minha pesquisa de identificação de tipos de cartas no arquivo pessoal do compositor Camargo Guarnieri (1907 - 1993), sob a guarda do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo. Trata-se de um expressivo conjunto documental, composto por aproximadamente 19 mil documentos, que compõem a série correspondência. Essa prática desconsidera a função do documento e, conseqüentemente, uma abordagem arquivística apropriada não é aplicada. É preciso ter sempre como prerrogativa que se arquivos pessoais são arquivos, então todo documento representa uma ação que lhe deu origem e, portanto, nomeá-los adequadamente pelo tipo é imperativo, uma vez que a espécie “carta” é insuficiente.

Tratar as cartas de um arquivo pessoal a partir da prerrogativa arquivística, ou seja, um instrumento necessário para a efetivação de uma atividade, implica em reconhecer fórmulas. Para efetivar uma atividade, assim como nas áreas administrativas e jurídicas, também as cartas pessoais nascem de uma necessidade e ambigüidades devem ser evitadas. A partir das cartas de Camargo Guarnieri, por exemplo, é possível destacar as seguintes frases: “em resposta, devo-lhe informar”, “pergunto-lhe se seria possível”, “venho agradecer o honroso convite”, “estas poucas linhas a fim de comunicar-lhe que”, entre outras. Ou seja, se a criação de um registro é mandatória para algo acontecer, é

preciso recorrer a fórmulas, padrões, que impeçam que ambiguidades ou mal entendidos atrapalhem ou dificultem seu acontecimento. Se nos meios administrativos e jurídicos os registros devem ser eficientes, isso também é válido na vida pessoal, que, por sua vez, não está desvinculada da vida profissional, escolar, de responsabilidade cidadã, etc.

Identificar os tipos de cartas do arquivo de Camargo Guarnieri pressupõe, portanto, encontrar as razões pelas quais foram feitas, e por isso encontrar padrões e regularidades faz parte desse processo. Há normatização no ato de escrever cartas pessoais? Nesse sentido, os linguistas possuem alguma proximidade com a arquivologia na medida em que procuram por elementos estáveis nos gêneros textuais, assim como arquivistas se atentam para o que é constante nas espécies e tipos documentais. A partir de alguns estudos empíricos de gêneros textuais, a proposta desta apresentação é verificar se tal diálogo interdisciplinar é realmente válido para a identificação de tipos de cartas em arquivos pessoais.

O primeiro estudo a ser analisado é o *Dicionário de Gêneros Textuais*. Já na introdução, Costa (2009) deixa claro que a linha teórica norteadora de seu dicionário é a de gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin. Essa informação nos é válida na medida em que esse foi o autor que inaugurou a compreensão de que: 1) os gêneros textuais extrapolam a esfera literária e 2) os gêneros nascem da interação social, e, para se tornarem enunciados compreensíveis dignos de respostas, devem seguir uma certa estabilidade normatizada pelas práticas sociais. Dialogando com os estudos estruturalistas da época, representados pelo pai da linguística, Ferdinand de Saussure, segundo os quais a língua era um fenômeno classificatório, Bakhtin dirá que a palavra nunca é vazia, mas carregada de ideologias e significados. Um dicionário, portanto, é insuficiente para levar à sua compreensão, por exemplo. Se a língua é um produto social, dirá Bakhtin, para compreender o significado de uma palavra é preciso ter em consideração todo o contexto de enunciação: quem diz? Para quem diz? Quando e onde diz? Quais são as múltiplas variáveis sociais que dão significado a essa palavra?

É nesse sentido que o gênero textual se destaca: não basta dizer. É preciso saber *como* dizer, e *o como dizer* se dá, entre outros fatores, através da escolha do gênero.

O método de agrupamento de diversos enunciados – sejam eles orais ou textuais – sob um mesmo gênero se dá a partir de três elementos: 1) conteúdo, 2) estrutura/forma e 3) configurações específicas (Costa, 2009: 18). A partir desses três pontos, encontram-se “regras comunicacionais” que trazem a estabilidade necessária para o reconhecimento de um gênero textual como tal. É nessa busca do invariável e da norma, dentro da multiplicidade de enunciados (para os linguistas) e de registros (para os arquivistas), que as duas áreas se aproximam. Por isso o Dicionário de Gêneros Textuais é aquele primo amigo a quem recorremos em um primeiro momento de dúvida quando nos deparamos com algum problema de identificação de espécie ou tipo documental dentro do arquivo. No entanto, alguns pontos afastam as áreas e fazem com que esse recurso de primeiros socorros deva ser feito com cautela.

Diferentemente dos linguistas, a estabilidade que os arquivistas procuram reside na gênese do documento: qual a função ou a atividade que o documentou gerou? Com isto em mente, retomemos o método de análise de gênero. O primeiro elemento, o conteúdo, não é o que determina a atividade geradora do documento. A leitura do conteúdo apenas pode ajudar a identificar qual é esta atividade. A estrutura/forma específica do texto, ou seja, se é narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo ou conversacional, também não segue por esse caminho. Em um mesmo documento é possível verificar mais de um elemento retórico: uma carta pode ser iniciada de forma descritiva e ser finalizada de forma argumentativa, por exemplo. Finalmente, o terceiro elemento, trata do estilo do autor, isto é, se é impresso em maior ou menor grau. Uma receita de bolo permite pouco ou quase nada de impressão do autor, enquanto um editorial é fortemente marcado pelo estilo autoral. Novamente, isso não vai ao encontro da função do documento, e é possível ainda que o mesmo tipo documental apresente maior ou menor estilo do autor. Uma carta de aceite de convite enviada a um amigo terá uma tonalidade diferente de uma carta de aceite de convite destinada a uma instituição, apenas para citar um exemplo. Mesmo que a tonalidade mude, a atividade de aceitar um convite é a mesma para ambas as cartas.

O que define o gênero carta é o que determina a carta enquanto espécie documental. Sua estrutura apresenta alguns “elementos básicos indispensáveis, como local e data, saudação, corpo, despedida e assinatura, ou específicos, como cabeçalho ou

timbre, numeração, endereço” (Costa, 2009: 53) No entanto, se gênero textual e espécie documental se aproximam, gênero e tipo se afastam.

Quanto à interlocução, a carta vai ser mais ou menos formal, dependendo do tipo de correspondência: comercial ou familiar. Nesta, a carta familiar, cujo conteúdo gira em torno de temas pessoais, geralmente é escrita em estilo simples, no registro coloquial, pois a interlocução se dá entre pessoas que se conhecem ou são parentes próximos. Naquela, ao contrário, como a interlocução geralmente se dá entre organizações, a carta comercial constitui um “documento” formal escrito cujo conteúdo gira em torno do mundo dos negócios: compra e venda de alguma coisa, promoção, cobrança, etc. O estilo do discurso se faz, então, num registro linguístico mais formal, a partir do próprio vocativo e das formas de tratamento no corpo da carta. (Ibidem: 53)

A preocupação com o estilo, formalidade e temas (se são familiares ou não), desqualifica os documentos de arquivos pessoais como documentos de arquivos. As cartas escritas nos âmbitos privado e comercial têm um mesmo objetivo: efetivar uma atividade, independentemente do estilo e tema nela impressos. Por isso, ater-se a esses elementos é um risco para uma abordagem não arquivística.

Sob a denominação *propósito comunicativo*, Zanotto (2005) aborda a questão da função do documento no estudo de contraste que faz entre e-mail e carta comercial. Também orientado pela teoria bakhtiniana, a impressão de estilo do autor e (in)formalidade terá grande peso em sua análise. O e-mail enquanto gênero textual (em oposição aos sentidos de correio e endereço eletrônico, também atribuídos à palavra “e-mail”), segundo Zanotto, é um gênero emergente da cultura eletrônica que tem se imposto na contemporaneidade. Para ele, vem ocorrendo a substituição das cartas comerciais pelos e-mails dentro do meio empresarial, pois o texto difere nesses dois gêneros e isso é percebido empiricamente na medida em que alguém diz “recebi um e-mail”, ao invés de “recebi uma carta eletrônica, um bilhete virtual” (Zanotto, 2005: 110) .

A questão da formalidade, central na análise de Zanotto, é impressa nos elementos paratextuais. Os e-mails, ao contrário das cartas, são menos normativos e, portanto, os textos são mais curtos e desprovidos de recursos contextualizadores, materializados pelos elementos paratextuais pré e pós-textuais, como timbre, local e data, índice e número, epígrafe, frase de fechamento, fórmula de respeito, P.S., aviso de cópias, rodapé, etc. O propósito comunicativo, por sua vez, é comum às cartas e ao e-mail, mas identificar os gêneros por esse meio é inválido:

não se conclua que os gêneros podem ser identificados, caracterizados, somente segregando-os de acordo com os propósitos que veiculam. Tanto é assim que, por exemplo, o propósito de convidar para determinado evento pode ser textualizado, dependendo de várias circunstâncias que comandam a decisão, por meio de vários gêneros de texto como: convite, bilhete, carta, e-mail, telegrama, fax. (Ibidem: 69)

Por acaso, essa acaba sendo uma definição, sob o ponto de vista arquivístico, do que é espécie e tipo documental. Por conseguinte, essas diferenças que se imprimem no texto e no processo de produção e recepção da carta e do e-mail fazem com que o primeiro gênero venha se tornando um meio mais nobre de comunicação, enquanto as interações mais breves são realizadas agora via e-mail.

Onde então está o propósito comunicativo em sua análise? Trata-se de um elemento da organização retórica das cartas, que se divide em dominante e secundário. O primeiro encontra-se no texto da carta propriamente dito, pois “o propósito principal é o que justifica a emissão do documento” (Zanotto, 2005: 102-3). Todos os demais propósitos periféricos e auxiliares, que confluem para viabilizar o dominante, se caracterizam como secundários: situar o remetente, ancorar o texto no tempo e no espaço (local e data), endereçamento, justificativa, validação (assinatura), etc.

Seguem alguns pontos importantes que devemos salientar. Para a arquivística, e-mail é meio de transmissão. A correta tradução é “correio eletrônico”. Referir-se a e-mail como mensagem eletrônica é um uso equivocado, causada pela polissemia da palavra. O suporte e o meio de transmissão constituem elementos importantes de descrição, mas não alteram a função, que é o elemento mais estável do documento. Via e-mail podem ser enviados uma pluralidade de espécies documentais: notícia, receita culinária, propaganda política, etc. Além disso, uma carta convite pode ser tradicionalmente enviada tanto em suporte papel via correio, quanto em formato eletrônico, para citar outro exemplo. O meio de transmissão não está relacionado com a função do documento:

e-mail - até hoje identificado por grafias diferentes (e-mail, email, Email, mail, em inglês, em português também conhecido por correio eletrônico ou mensagem), designa um método para troca de mensagens digitais de um autor para um ou mais destinatários. Com o advento da internet, o e-mail passa a ser entendido como uma troca de mensagens digitais por intermédio da internet. [...] Eu simplificaria a discussão distinguindo e-mail produzido dentro de organizações, com objetivos institucionais, dos e-mails produzidos pelos

cidadãos com objetivos os mais variados. Os e-mails produzidos dentro de um contexto corporativo podem ou devem ser mais padronizados, aproximando-os dos tipos documentais que conhecemos: carta circular, mensagem, memorando, chamado para reuniões com pauta etc. Neste caso, estaríamos diante de tipos documentais conhecidos, mas produzidos, transmitidos e recebidos pela vida digital. (Smit, 2015: 243-4)

Outro ponto importante refere-se aos elementos paratextuais. Desde sua criação, o e-mail vem ganhando novos recursos. Não se trata apenas da mensagem escrita, é possível incluir várias pessoas, enviar com cópia, com cópia oculta, anexar documentos diversos e cada mensagem enviada e recebida carrega consigo todo o histórico de mensagens. Ou seja, os *propósitos comunicativos secundários* estão presentes, mas de uma forma diferente que no suporte papel. Essa diferença, no entanto, para o mundo dos arquivos, não invalida a espécie e função documental. A isso acrescenta-se o fato de que nossa atenção reside nos arquivos pessoais, onde as dimensões simbólica, informal e criativa têm grande valor. Enquanto um controle de pagamento de uma dívida, por parte de pessoas jurídicas, segue uma série de procedimentos normatizados pelo direito administrativo, no caso de um empréstimo amigável o controle pode ser dar por nenhum registro ou por uma simples anotação em um bloco de rascunho (Lopez, 2003: 70) Outro exemplo é a participação de casamento que os noivos decidiram fazer a partir de um livro de poemas. Camargo (1998: 169-171) seleciona um documento que, a partir de uma descrição de seus elementos externos - capa, nome do autor, título, local e data de publicação, suporte, formato, dimensões e disposição espacial do texto - parece tratar-se de um livro de poema. Porém, ao indagar-se sobre seu contexto de produção (e uma mensagem grafada ajuda nessa questão), o documento em questão deixa de ser apenas um livro de poemas para materializar uma ação: a participação de casamento.

Situadas as diferenças entre estes estudos de gênero e a arquivologia, onde se encontram as semelhanças? De que maneira alguns conceitos e método de análise dos gêneros textuais podem contribuir para a identificação dos tipos de cartas no arquivo de Camargo Guarnieri? Retomemos alguns elementos de análise da teoria bakhtiniana, e, a partir deles, façamos uma análise de três cartas do compositor.

Responsividade e endereçamento - A linguagem só pode existir na medida em que é atravessada por conteúdos ideológicos (signos) que, por sua vez, só se realizam em

interação social. Uma vez considerada a dimensão sociológica da linguagem, uma série de variáveis devem ser contabilizadas para se obter uma contextualização completa: época, grupo social, relações de trabalho ou familiar, hierarquia, etc (Volóchinov, 2017: 109) Disto decorre que qualquer palavra dita ou enunciado proferido não parte do abstrato, tampouco de uma verdade pura da subjetividade do autor, sendo, na realidade, carregado de símbolos ideológicos e orientado para o interlocutor. Por isso, é preciso haver conhecimento de normas que extrapolam apenas a língua. O modo como se fala, a depender *do que e para quem* se fala, é necessário para se fazer compreender, e, como consequência, gerar uma resposta.

Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado. (Bakhtin, 2016: 63-4)

Um dicionário é insuficiente para definir a palavra vinho, por exemplo. Um padre e um boêmio querem dizer coisas diferentes, apesar de pronunciarem o mesmo termo. Assim como a situação em que se fala: durante a missa, vinho significa sangue de Cristo, mas durante uma rotina administrativa da própria igreja, o padre pode apenas lembrar seu ajudante de ir comprar uma garrafa de vinho. Portanto, como sintetiza Bakhtin, “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero de discurso*”, a partir de um “rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)” (Ibidem: 37-8), seja ele o sermão ou a lista de compras.

Esfera/Campo discursivo - As esferas devem ser entendidas como reguladores. Dirigir-se a um juiz demanda condutas específicas que diferem de como nos comunicamos com um professor, e o contrário também é válido. Durante uma aula, elaborar uma pergunta ao professor em forma de petição causa incompreensão e impede a comunicação. Ou seja, cada esfera de atividade humana - escolar, jurídica, jornalística, médica, familiar, empresarial, científica, de administração pública - demanda certas condições específicas de comunicação, e, portanto, geram determinados gêneros, determinados tipos de enunciados estilísticos relativamente estáveis (Ibidem: 18).

Avaliação social - A situação social mais próxima e o contexto sócio-histórico-cultural atuam para organizar as formas de transmissão. São esses fatores contextuais que determinam o conteúdo e as formas de transmissão. Assim, uma simples palavra não é escolhida ao acaso. Existem uma situação e uma intenção do falante trabalhando para que determinadas palavras, estruturas gramaticais, entonação, etc, sejam selecionadas em detrimento de outras.

Seria impossível fazer uma análise de gênero textual exaustiva a partir de toda a linha conceitual e metodológica de Bakhtin, mas, uma vez que nosso objeto de estudo são cartas pessoais, tomemos esses conceitos que giram entorno da orientação social do enunciado para um estudo contrastivo de três documentos. Trata-se de três cópias de cartas escritas por Camargo Guarnieri, cujas versões originais foram enviadas aos destinatários. Infelizmente, por serem cópias, não é possível realizar uma análise da materialidade do documento: qual papel foi usado? Havia timbre? Tem assinatura do titular? Não obstante, é possível focar no discurso do texto¹.

A primeira carta é de 1966, enviada para o maestro e um dos fundadores da Orquestra Sinfônica de Recife, Vicente Fittipaldi. Trata-se de uma entre várias missivas de um intenso diálogo epistolar que os músicos mantiveram. Tinham amigos em comum, viajaram para a Venezuela juntos e ajudavam um ao outro a organizar e dirigir concertos em ambas as capitais, a fim de divulgarem os compositores e intérpretes de música clássica brasileira. É uma cópia carbono, datilografada, com temas sobre uma possível vinda de Fittipaldi a São Paulo e organização de um concerto em Recife sob a direção de Guarnieri. A mensagem possui tom de brincadeira, é cheia de ironia e um vocabulário mais ligado à oralidade.

A segunda carta é de 1977, fotocópia, manuscrita em papel timbrado com o nome de Guarnieri. É para o casal Betty e Max Feffer, na época em que o empresário e mecenas ocupava o cargo de Secretário de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo durante o governo de Paulo Egydio Martins. A mensagem é sobre a finalização e entrega da Sinfonia nº 5, resultado da encomenda realizada pelo secretário. Assim como a primeira carta, possui apenas uma página: mensagem curta acusando a entrega da

¹ Em função de alguns limites que se impõem, uma transcrição de cada carta não é possível. Para vê-las em sua íntegra, consultar: CG-CA06-0168, CG-CA05-0006 e CG-CA05-0001, Fundo Camargo Guarnieri, Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo.

obra encomendada e uma breve opinião sobre o sentimento de amizade. Possui um tom mais polido e cuidadoso.

Finalmente, a terceira carta é de 1983, datilografada, cópia carbono, endereçada ao Escritório Central de Arrecadação - Direito Autoral (ECAD), aos cuidados de Adelaide Primo. Trata-se de uma resposta a um ofício recebido, cuja numeração Guarnieri menciona em carta, sobre intérpretes de obras de sua autoria e questiona as razões de estarem retidas essas mesmas obras. Mensagem curta, direta, bastante formal.

Segue abaixo uma tabela de análise comparativa a partir de elementos textuais retirados dos documentos:

	Carta 1	Carta 2	Carta 3
Destinatário/ Interlocutor	Vicente Fitipaldi - regente/maestro/fundador da Orquestra Sinfônica do Recife	Betty e Max Feffer - Secretário de Estado da Cultura	ECAD - DIREITO AUTORAL (Adelaide Primo)
Campo/Esfera	Artístico	Político/Artístico	Legal/Artístico
Hierarquia do destinatário em relação ao titular	Igual/Próxima	Superior	Superior
Pessoa	Física	Física/Jurídica	Jurídica
Contexto social	Bastante próximos - amigos em comum e viagem juntos	Pouco próximos - se conhecem pessoalmente, mas há formalidades	Não são próximos - não se conhecem
Tonalidade/estilo	Jocosos/forte impressão de estilo	Respeitoso/Pouca impressão de estilo	Formal/pouquíssima impressão de estilo
Vocativo/frase de fechamento	“Fitipaldi broto”/“De mim o mais afetuoso abraço”	“Queridos amigos Betty e Max”/ “Afetuosamente”	“Exma. Sra.” e “Prezada Senhora”/ “Atenciosamente”
Traços de oralidade	Maior	Menor	Ausente/forte tom de formalidade
Elementos paratextuais	Local e data	Local, data, fecho de polidez e assinatura	Local, data, cabeçalho (pronome de tratamento, nome, instituição, cidade), fecho de polidez, assinatura
Pronome de tratamento	Você	Você	Vossa senhoria
Técnica de registro	Datilografado	Manuscrito	Datilografado

Propósito comunicativo dominante	Organização de concerto	Encaminhamento de obra encomendada	Pedido de esclarecimento
Propósito comunicativo secundário	Cobrança de resposta/ aceitação de sugestão/ pedido de notícias	Agradecimento/ cumprimentos	Numeração do ofício recebido/ Confirmação de relação de intérpretes de sua obra

A partir desta comparação é possível perceber que de acordo com a relação existente entre o remetente, Camargo Guarnieri, e o destinatário há mudança de tonalidade, variações nos elementos paratextuais, vocabulário mais ou menos próximo da oralidade. A carta para Fittipaldi é atravessada de informalidade - há a presença de apelido, gírias, ironia, afetuosidade. O oposto acontece com a carta enviada ao ECAD. Por se tratar de uma instituição, encontramos toda a formalidade normatizada pela administração: endereçamento completo do destinatário, informação do número do ofício e ao qual a carta constitui resposta, o fecho de polidez não transparece intimidade, o pronome de tratamento é formal. Enquanto isso, a carta enviada ao Max Feffer constitui um entremeio. Trata-se de um amigo conhecido por outros meios sociais, mas o encaminhamento da obra encomendada é para o Secretário de Estado da Cultura. Ou seja, há uma relação de hierarquia entre o remetente e o destinatário. Apesar de haver espaço para afetuosidade, há uma formalidade que transparece, principalmente, pelo fato de a carta ser manuscrita. Neste caso, o ato de escrever a mão atesta que Guarnieri não contou com a ajuda de uma secretária, como é bastante comum, para escrever a carta. Tem aí um tom de personalidade muito forte, apesar de haver pouca impressão do estilo do autor, se compararmos com aquela enviada a Fittipaldi.

Do ponto de vista arquivístico, o que podemos atestar é que independentemente das palavras usadas, da esfera social ao qual pertence o interlocutor e da (in)formalidade presente nos textos, as cartas possuem os mesmos elementos e atuam para uma mesma coisa: efetivar uma atividade, seja ela organizar um concerto, encaminhar uma obra encomenda ou requisitar um esclarecimento. Qualquer análise discursiva ou de crítica genética não invalida a qualidade probatória dos documentos no que se refere ao seu conteúdo, estrutura e seus múltiplos contextos de criação, gestão e uso através do espaço-tempo (McKemmish, 2013: 27)

O que se percebe pela análise de gênero é que todos os elementos textuais existem, apesar das diferenças, independente de uma subjetividade do titular. Desde a carta mais formal enviada para uma instituição jurídica até a carta enviada ao amigo, com fortes traços de oralidade, segue uma normatividade. A análise da retórica do texto com o objetivo de identificar o *propósito comunicativo dominante* é um mecanismo que ajuda a identificar a atividade geradora da carta e, por conseguinte, seu tipo documental. No entanto, a conclusão mais segura que podemos tirar deste estudo comparativo entre a linguística e a arquivologia é que a análise de gêneros textuais, apesar das diferenças significativas que foram apontadas, atesta o fato de que os documentos produzidos em âmbito privado: 1) seguem preceitos normativos e 2) a análise retórica, antes de um estudo de crítica genética ou subjetividade, permite identificar o propósito comunicativo, e, portanto, a função do documento. Nesse aspecto, se há uma atividade geradora, a lógica de produção e acumulação é de documentos de arquivo.

Em suma, os estudos de gêneros podem contribuir para a identificação e nomeação de tipos de cartas pessoais, desde que as diferenças entre as áreas fiquem bastante claras e definidas pelo arquivista. Ao contrário, corre-se o risco de perpetuar a abordagem genérica de correspondência como artifício classificador e continuar a descrição documental a partir do conteúdo e tema em detrimento de sua atividade geradora.

Referências

- ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 169-174, jul. 1998.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LOPEZ, André Porto Ancona. Arquivos Pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Gragoatá**, Niterói, n. 154, 2 sem. 2003.
- McKEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SMIT, Johanna W. Gêneros textuais emergentes do/no discurso eletrônico digital: um balanço crítico de Sérgio Roberto Costa. **Dar nome aos documentos:** da teoria à prática. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZANOTTO, Normelio. **E-mail e carta comercial:** estudo contrastivo de gênero textual. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.